

O regresso de Camões e dos seus contemporâneos às ruas de Lisboa

Camões deambulava pelas ruas da eterna Lisboa. Já passara velozmente por Alfama, pois a rapidez normalmente possibilitava o anonimato.

Quando em tempos percorrera aquelas mesmíssimas ruas, pelo seu próprio pé, de carne e osso, aqueles senhores engalanados presenteavam-no com as suas melhores expressões de desprezo.

Agora, esses seus contemporâneos, que se apelidavam de eruditos, tentavam captar-lhe a atenção, compreender os seus pensamentos, granjear-lhe o humor com um “Sir Camões, honre-nos com a sua presença!”. Agora, homenageavam-no, ou pelo menos fingiam admiração, porque afinal era socialmente conveniente. Mas principalmente neste dia calorento de dez de junho, solicitavam-no constantemente. Agora que todos não passavam de sombras. Todos, não, pensou, com uma ponta de orgulho. Pelo menos ele eternizara-se nas páginas d’*Os Lusíadas*.

O contorno de uma fachada alta escondida nas sombras interferiu nos seus raciocínios. Chegara! Ora ali estava a casa de Simão Vaz de Camões e de Ana de Sá e Macedo, o seu local de infância. Camões não gostava particularmente de relembrar o seu eu antigo: uma infância como tantas outras; a rebeldia de uma adolescência; os sonhos e paixões destruídos.

No entanto, neste dia da sua morte, não conseguia evitar este retorno às origens. Além disso, era um local deserto onde podia espairecer e dar aso ao seu mundo interior.

Mas não! Nem aqui no seu refúgio mental, estava a sós. Dois homens encontravam-se estacionados à sua porta. Que atrevimento! E, contudo, um deles era-lhe familiar. Alguns passos foram suficientes para descortinar a identidade do cavalheiro de óculos redondos, bigodinho e chapéu panamá. Fernando Pessoa, um agradável conhecido, que também vivia nas palavras, e que tivera de passar para o lado de cá para ser devidamente reconhecido pela sociedade.

Ainda lhe perpassou recuar para a sua solidão, mas já fora visto. E porque afinal Pessoa nunca lhe aborrecera, avançou, acabando mesmo por estender a mão.

- Bom dia, Luís Vaz. – Cumprimentou Pessoa, com a expressão vaga do costume.

- Boa tarde, Fernando.

- Boa tarde? Não senti o passar das horas. Já estamos de tarde?

- Desculpe! – Murmurou Camões, de súbito consciente da aversão que Pessoa tinha do tempo e das suas consequências.

- Oh, não, não se importe. De qualquer forma, a breve sensação egoísta de que o tempo para porque nós não o sentimos não é mais que uma ilusão.

- E, em todo o caso, uma bela ilusão. – Completou o homem grisalho e sisudo cuja identidade seria necessário averiguar.

- Bem, o tempo urge – o tempo por nós definido, claro está – e tenho de cumprir banalidades lá no escritório. O que se faz por uma sobrevivência reles, hem? – Soprou Pessoa, gesticulando apressadamente.

- Encare esses trabalhos como um serviço à Pátria. – Rematou Camões.

- Ora, eu cá prefiro rosas à Pátria! – Riu-se o desconhecido.

-Camões pasmou logo perante tal afirmação:

- É que a sua Pátria não é a portuguesa!

- Pois é com certeza! – Respondeu o outro.

Fernando Pessoa sorriu ao de leve, enquanto se despedia:

- Deixo-vos, caros Luís Vaz de Camões e Ricardo Reis.

Camões encarou com intensidade o tal de nome Ricardo Reis:

- Vossemecê não mediu o que disse.

- Vossemecê não me conhece. Fica-lhe bem a revolta, mas pode ser franco, porque eu cá o sou: antes magnólias amo que a glória e a virtude.

- Por amor de Deus!

- Que a si talvez baste, a mim não me convence. Sou pagão.

- Pagãos somos todos um pouco, ao fim e ao cabo. Mas se o reino exige devoção, que se verguem os joelhos perante a divindade.

- Que se verguem os joelhos e vontades, que a pátria não é a comunidade portuguesa, mas sim uma elite sem razão comandando corpos cuja razão se esvai, por restrição forçosa, ou por inutilidade.

O outro jogara as palavras assim, indiferente. Camões inspirou antes de rebater, que aquele homem incendiara o seu velho lado impulsivo:

- Assim agem os ditos corpos por entenderem que a Pátria transcende a sua existência. Sacrificam-se por um bem maior! Não será, pois, odioso desvalorizar esses objetivos máximos de vida?

- Que vida? Se aqui tudo é passageiro, quanto mais lá?

- Que me perdoe a ousadia, mas está tal e qual os meus contemporâneos. Só El-Rei D. Sebastião, está claro, se elevou acima da inércia contagiante e retomou os velhos valores, qual Sísifo do mediterrâneo.

- Com efeito, era um conhecedor. Desapareceu, glorioso, e cobriu Portugal de um nevoeiro de letargia, pulverizado de esperanças vãs. Agrada-me a ideia, excetuando as esperanças. Para quê? Acaso alteram a realidade?

- Ora essa! Não é a favor da evolução, do progresso?

- Do falso progresso, não sou, não. Aliás, apenas me exilei no Brasil para fugir à república portuguesa.

- Sem o comando de El-Rei D. Sebastião, mais vale viver uma democracia isenta.

- Se o diz.

O poeta do século dezasseis não desistira ainda de convencer o outro, que o contrariava assim, de ombros caídos e mastigando um cigarro:

- Não nego a urgência de se ter líderes íntegros, numa mão a pena e noutra a lança. De corrupção estamos todos saturados. Aliás, no meu tempo, as armas impediam a ciência, a educação, mas hoje em dia, sem as armas como distração, sempre se faz algo. Temos os nossos Virgílios e Homeros, já se compõem alguns versos doutos e venustos.

- E, no entanto, já outros países ultrapassaram este enrugado rosto da Europa.

- Temporariamente.

- Não até findar 2030, ao que se conta.

- Que é isso, homem, olhai que ainda temos D. Henriques por aí, misturados na lassidão lusitana!

- Se o diz.

- Eu amo o meu povo. Entristece-me ter de observar o legado de bravura e força que nos foi confiado murchar sob o calor peninsular. Ai... mudam-se os tempos, mudam-se as vontades.

Ricardo Reis fitou-o quase carinhosamente.

- Não me interprete mal. Mas uns, com os olhos postos no passado, veem o que não veem. Outros, fitos os mesmos olhos no futuro, veem o que não se pode ver. Eu simplesmente prefiro colher o dia, e ser tudo quanto sou no mínimo que faço, porque flui a interminável hora. Não devo nada a ninguém, senão a mim. E para mim, é esta base essencial que falta a Portugal.

Pela primeira vez entreolharam-se como dois cúmplices. Camões pigarreou:

- Não nego. Mas insisto que quando um valor coletivo se alevanta, não podemos nos encerrar em nós próprios. Não distorçamos a verdade: juntos podemos andar vagorosamente, mas iremos mais longe.

- E, efetivamente, os portugueses nisso são experientes. Quando se quer, a nossa voz prevalece. Que o diga o Mundo, que não pode negar a primazia portuguesa sobre os mares. Que o diga D. João I, legitimado pela nação.

- Ou os pobres Napoleão e Marcelo Caetano, cujas vozes foram abafadas.

Uma folha de jornal solitária invadiu a rua. Se os dois poetas lhe dessem, atenção, veriam contornos confusos de um qualquer vírus para eles desconhecido. Sendo Ricardo Reis médico, talvez tivesse alguma opinião sensata para partilhar, mas não os viu. Em vez disso, proclamou:

- Isto é quem somos, e é tudo.

- E será suficiente.